

# A CONSTRUÇÃO DE UM ETHOS IRÔNICO NA CRÔNICA POLÍTICA DE ARNALDO JABOR

*Jefferson dos Santos de Freitas*

*Orientador: Profa. Dra. Patrícia Neves Ribeiro*

## Mestrando

RESUMO: Este trabalho – ainda em fase de desenvolvimento - almeja tecer reflexões sobre a ironia presente na crônica de Arnaldo Jabor como traço de linguagem revelador de um ponto de vista e, em consequência, da identidade do sujeito que dela se serve na interação com o outro. Assim, lançaremos as bases iniciais da dissertação de mestrado, que se encontra em fase de elaboração, partindo da perspectiva teórica de que a construção de uma imagem de si se dá somente através do discurso, observando o comportamento linguageiro do sujeito discursivo a fim de chegarmos à conclusão de qual *ethos* é materializado na crônica, comprovando ou não a hipótese inicial deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Semiologia; Ethos; Ironia.

### O ETHOS DISCURSIVO

Nos estudos atuais sobre ethos, a Análise do Discurso considera que o ethos se constrói tanto no discurso oral quanto no escrito, por se tratar de um ato de linguagem em que na própria enunciação são deixadas marcas (pistas) que demarcam uma possível identidade discursiva da voz enunciativa. Nas palavras de Maingueneau (2015, p.15) “O ethos está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale.”.

Partindo desse pressuposto, podemos considerar, através do olhar da análise do discurso, que a representação do *ethos* do enunciador pode se dar em duas instâncias: uma é

---

no ato da enunciação e a outra antes mesmo do enunciador se apresentar, o que chamaremos de *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*. O primeiro está centrado na encenação discursiva, ou seja, no modo como o enunciador se apresenta e demonstra ser aquilo que afirma ser. Então, é durante o seu ato performatizado que é construída uma imagem de credibilidade ou não a seu respeito. Nas palavras de Charaudeau:

Há os adeptos de uma concepção discursiva que inscrevem o *ethos* no ato da enunciação, isto é, no próprio dizer do sujeito que fala. Esta última posição é defendida pelos analistas do discurso, que situam o *ethos* na aparência do ato de linguagem, naquilo que o sujeito falante dá a ver e a entender. (CHARAUDEAU, 2015, p.114)

O *ethos* prévio já está direcionado à segunda opção. O enunciador, por fazer parte de alguma instância, por exemplo, a política e ou a midiática, já tem constituído em seu discurso, antes mesmo que ele fale, uma alegoria de ideias prévias formadas sobre ele pelo sujeito interpretante.

Fazendo um contraponto com o *corpus* deste artigo, Arnaldo Jabor é conhecido por apresentar um *ethos* irônico, ao tratar de temas cotidianos e principalmente políticos, nas crônicas que ele produz. Isso nos leva a crer que sendo ele uma personalidade política e estando quase sempre atuando por meio da esfera midiática, já teremos construída, antecipadamente, uma imagem acerca do *ethos* da voz que fala por ele. Assim, ao se falar de Arnaldo Jabor, já se ativa na retina da nossa mente todo um imaginário discursivo que se tem sobre o sujeito do discurso deste cronista, antes mesmo de “ler” o seu texto.

Maingueneau também nos chama a atenção quando diz que (2015) “O *ethos* se elabora por meio de uma percepção complexa, mobilizadora de afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente.” (p.16). Assim, a criação de um *ethos* discursivo parte também da subjetividade criativa do enunciador. São as suas escolhas que vão desde o léxico à organização textual e à adequação ao ambiente de discurso que contribuem para a criação de uma imagem.

Nessa problematização entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discurso*, nosso olhar centra-se na questão do sujeito languageiro. Na Análise do Discurso, não se considera o ser que fala apenas como um orador (conforme fora na retórica antiga), mas sim um sujeito que cria para o seu interlocutor uma imagem de si a partir daquilo que ele fala. A preocupação com o sujeito

---

linguageiro abre margens para questionarmos acerca de sua verdadeira identidade: seria ele apenas um ser de fala ou social?

Charaudeau diz que (2015, p.115) “O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares”. Aquele que fala tem um projeto de dizer em mente, projetado de acordo com a maneira que se pensa que o outro (o interlocutor) vê. Este, por sua vez, também projeta seu olhar para aquele que fala, mas aquele que fala nem sempre será visto como gostaria de ser, conforme se lançou em seu projeto de dizer, podendo haver escapes que contradizem a maneira que se mostra pelo discurso. Eis, então, a importância dos dados preexistentes ao discurso, pois a construção da identidade do sujeito que fala poderá ser dada através das informações prévias – o que se sabe a respeito do locutor – e das marcas discursivas lançadas durante o ato de linguagem.

Assim, deparamo-nos com outra problematização, a que diz respeito à identidade psicológica e social do sujeito que fala. Neste sentido, a identidade do sujeito é criada por meio de duas instâncias. A primeira é a de ser social, é ela que lhe dá o direito à fala e lhe confere a sua legitimidade para atuação na situação comunicativa da qual fará parte. Já na segunda, ocorre a distinção entre o sujeito de “carne e osso” daquele que se apresenta pelo discurso. Isso quer dizer que, na segunda instância, é assumida uma identidade discursiva de sujeito enunciador, na qual ele se vale dos recursos de linguagem de que dispõe e da situação de comunicação para exercer o papel a que se atribui em seu ato de enunciação.

Para Charaudeau:

O sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos. (CHARAUDEAU, 2015, p.115)

Em outras palavras, a identidade social do sujeito falante é dada através da legitimidade que o chancela como voz autorizada para atuar através da palavra que lhe confere uma imagem. Assim, o enunciador coloca-se em papel de destaque e age por influência de uma legitimidade que lhe confere o direito de falar em seu nome ou até de um grupo. A identidade discursiva, por sua vez, se consolida a partir da formação do discurso, isto é; por meio da palavra é que se revelam as intenções do sujeito enunciador. Então, a identidade discursiva não depende de uma posição de destaque por parte dele, porém, do

---

discurso em si, que poderá deixar marcas (escapes) de uma identidade social, podendo ser questionada ou não. Dessa forma, a identidade social pode ser ocultada pelo comportamento linguageiro, da mesma forma que a identidade discursiva poderá também receber influências da social. É como nos afirma Charaudeau:

[...] é certo que o discurso não é apenas linguagem, sua significação depende também da identidade social de quem fala. A identidade social necessita ser reiterada, reforçada, recriada, ou, ao contrário, ocultada pelo comportamento linguageiro do sujeito falante, e a identidade discursiva, para se construir, necessita de uma base de identidade social. (CHARAUDEAU, 2009, p. 311)

É válido ressaltar que todo sujeito quando fala atua sob máscaras que compõem uma grande encenação discursiva, sobretudo no discurso político, em que o locutor pode ocultar o que ele é pelo que diz. A crônica que será analisada tem o viés político, engajado, e, por conta disso, nos preocupamos com o cruzamento da identidade social e discursiva do sujeito que fala e da importância de fazermos a distinção entre elas, pois uma poderá não corresponder à outra por excelência.

Charaudeau diz que:

A máscara é o que constitui nossa identidade em relação ao outro. Em outros termos, no que é dito, há sempre o que é dito e o que não o é, um não dito que, entretanto, também se diz. O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano. (CHARAUDEAU, 2015, p. 08)

Assim sendo, ter a consciência de como se constrói a identidade discursiva do cronista é de extrema importância para chegarmos à concretude do que nos propusemos a investigar sobre a materialização de um possível ethos irônico em sua crônica. Dessa forma, partamos, então, para a próxima seção na qual abordaremos alguns aspectos teóricos relevantes a respeito do expressivo recurso da linguagem, a ironia.

## A IRONIA COMO RECURSO DE LINGUAGEM: CONCEITOS E APLICAÇÕES

Tendo como foco principal, neste trabalho, a investigação de um possível ethos irônico nas crônicas político-sociais de Arnaldo Jabor, se faz necessário apresentarmos noções

---

introdutórias sobre ironia correspondentes ao que o *Dicionário de Análise do Discurso* (2016) apresenta e, assim, filiar o trabalho a uma (s) delas. São quatro no total as teorias sobre ironia apresentadas pelo *Dicionário*:

A primeira, denominada por *Ironia como tropo*, de acordo com a tradição retórica, indica uma atitude enunciativa com efeito antífrase ou uma divergência não muito clara entre sentido literal e figurado. A ironia, nesta concepção, é deflagrada pela enunciação que fornece os indícios de ironia tanto na escrita quanto na oralidade.

A segunda, *Ironia como menção*, está ligada diretamente ao contexto da enunciação. O locutor estaria habilitado a mencionar um ponto de vista, que não tenha relação com o dele, mas de outra personagem, de modo que possibilite o deslocamento do contexto, a fim de criar certa confusão na compreensão do seu interlocutor.

Já a *Ironia como polifonia* refere-se à concepção defendida por Ducrot (1984) que faz a distinção entre locutor (L) e enunciador (E) na enunciação. Segundo esta concepção, “Falar de modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador E, posição cuja responsabilidade não é assumida pelo locutor L e, mais que isso, que ele considera absurda [...]” (DUCROT, 1984, p.211 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p.291).

Por último, a *Ironia como paradoxo* consiste no ato de o locutor invalidar sua própria enunciação através do seu fazer enunciativo. Ou seja, é quando o locutor produz o enunciado, mas se comporta falsamente em relação a ele, deixando um tanto obscuro suas reais intenções quanto ao que se propõe a dizer.

Assim, a partir dessas noções iniciais, podemos fazer um paralelo com o *corpus* sobre o qual se debruça esta pesquisa e levantarmos hipóteses sobre as possíveis filiações entre o artigo que será analisado e as noções apresentadas. Ainda que não tenhamos nesta seção uma análise concreta da crônica de Arnaldo Jabor, podemos suscitar, pelas leituras prévias, que o enunciador de sua crônica se comporta ironicamente e quase sempre de duas maneiras: a primeira, com uma atitude enunciativa com efeito antífrase, deflagrada no próprio conteúdo. A segunda maneira é o que concerne à teoria da ironia como polifonia, já que é possível que façamos a distinção entre a voz do locutor L e dos enunciadores E. É a partir da forma como as vozes discursivas (a dos enunciadores) se comportam linguístico-discursivamente que podem ser deflagrados os efeitos irônicos provocados pela enunciação.

---

Ida Lúcia Machado (2014) apresenta várias vertentes sobre o recurso da ironia, considerando este “[...] um fenômeno linguageiro que aparece como um meio de comunicação suscetível de criar estratégias argumentativas [...]” (p.01).

Assim, ela apresenta a ironia, inicialmente, como um “paradoxal meio de comunicação” (p.02), uma vez que o seu uso, ao mesmo tempo em que pode soar como humor para uns, pode se apresentar de maneira agressiva para outros; como também aparecer como uma construção sintática inteligente para uns, porém, como um deboche para outros. Todavia, na maioria das vezes, a ironia tende a ser mal vista, justamente pelo mal estar que a mesma pode causar, e o sujeito irônico, que por sua vez se transveste deste recurso, quase sempre é temido ou visto até mesmo de maneira negativa.

O que é válido enfatizar aqui é que a ironia funciona como uma personagem que desvela várias faces no decorrer de uma enunciação. Ao mesmo tempo em que surge no enunciado com certo ar inocente, poderá causar efeitos de provocação que levam a um mal estar. Neste sentido, temos em Ida Lúcia um cruzamento de vozes, um jogo de encenação polifônico. Tudo não passa de encenação, pois há na grande cena discursiva a voz do enunciador que é ocultada pela voz da personagem irônica, que, por sua vez, exige que o co-enunciador tire suas próprias conclusões a partir daquilo que lhe é mostrado.

Além disso, Ida Lucia também nos faz crer que a ironia exerce certo papel social, ao afirma que:

[...] o que seria de nós sem uma boa dose de autocrítica nesse mundo de signos e de convenções, mundo que nos obriga a adotar certos papéis sociais e, em decorrência destes, comportamentos mais ou menos codificados? Sem a liberdade de rirmos de nós mesmos e do que não aprovamos na vida em sociedade ainda que o façamos por meio de um riso discreto? Pois a ironia sabe também ser discreta. Sem ela, como contestar de modo amável e sorridente algo que escutamos ou vemos e com o qual não concordamos? Ou então, como enfrentar – sem outras armas que as palavras – os ditos construídos propositalmente para nos desestabilizar? (MACHADO, 2014, p.02)

Se tomarmos como verdade esta teoria, podemos dizer que a ironia funciona como uma importante ferramenta de linguagem que transita cotidianamente entre as relações sociais, uma vez que o seu uso, ainda que inconsciente, é capaz de revelar as tensões dos mais diferentes níveis entre os sujeitos, assim, funcionando como uma válvula de escape.

---

Sabe-se que ela é um importante recurso utilizado para a compreensão e representação do mundo. Isso quer dizer que o seu uso revela, mesmo implicitamente, um ponto de vista sobre as coisas do mundo. Em outras palavras, não basta apenas ser irônico, deve-se saber jogar com as palavras.

Nas palavras de Beth Brait:

Necessariamente, e aceitando-se que texto e discurso são processos que implicam produção e recepção, ou seja, sujeitos envolvidos em uma interação, a perspectiva interessa-se também pelo destinatário que, assim como seu parceiro, detém diferentes papéis, aparecendo como receptor, interlocutor, ouvinte, enunciatário, leitor, e cuja função ativa no discurso será participar da dimensão significativa, na medida em que é o ponto visado pelas estratégias elaboradas pelo produtor.

(BRAIT, 2008, p. 15)

Assim, de acordo com o supracitado, conclui-se que o uso do recurso da ironia também deve obedecer às regras estabelecidas pelo contrato de comunicação. O Eu-comunicante produz o seu discurso visando a um destinatário ideal, vale-se de estratégias e recursos, como o da ironia, acreditando que o seu destinatário específico corresponda às suas expectativas discursivas; neste caso, que o destinatário seja competente o suficiente para decodificar os implícitos. Eis a importância de a instância enunciativa conhecer o movimento do outro, pois as estratégias são postas em cena de maneira previsível de acordo como o outro se comporta discursivamente.

## APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO

Nesta seção, apresentaremos a Teoria Semiolingüística do Discurso, uma corrente francesa da Análise do Discurso desenvolvida pelo linguista Patrick Charaudeau no ano de 1983. O que diferencia a teoria postulada por ele das de outros linguistas, também atuantes no campo da Análise do Discurso, se dá principalmente pelo fato de observar o fenômeno da linguagem como um sistema global e “relacionar entre si determinados questionamentos que tratam do fenômeno da linguagem – sendo uns mais externos (lógica das ações e influência social), outros mais internos (construção do sentido e construção do texto)”. (CHARAUDEAU, 2007, p.13)

---

Sendo assim, é válido ressaltar que estes questionamentos, tanto os externos quanto os internos, se articulam a partir de uma perspectiva linguística: a da forma verbal. Nas palavras de Charaudeau:

Se há comunicação, é de uma comunicação particular que tratamos: aquela que se realiza através da linguagem verbal; se há construção do sentido, trata-se da construção que se faz pelas formas verbais; se há construção de um texto, trata-se daquela que depende das regras de “ordenamento” do verbal. (CHARAUDEAU, 2007, p. 13)

Dessa forma, o termo “semiologia” parte das perspectivas de estudo descritas acima e postuladas por Patrick Charaudeau (1983). O autor apresenta as seguintes concepções acerca da palavra e como se vinculam a sua proposta de estudo na Análise do Discurso: *Semio-* vem de “semiosis” e está ligada à construção do sentido que se dá pela relação entre forma-sentido por meio de sistemas semiológicos diversos. Além disso, há a presença de um sujeito, dotado de uma intencionalidade, que age por meio de um projeto de comunicação de influência social, num determinado quadro de ação verbal (o dos modos de organização do discurso); *linguística*, pois, como estamos falando de *forma-sentido*, a ferramenta principal que compõe esta forma é a das línguas naturais, ou seja, a forma verbal.

Assim, a partir dessa relação entre *forma-sentido-língua-discurso* desencadeia-se outro processo de extrema importância na Semiologia: o duplo processo de semiotização do mundo.

De acordo com Charaudeau (2007), a semiotização do mundo se dá por meio de duas formas interdependentes no processo comunicativo visando à construção do sentido discursivo: *o de transformação* e *o de transação*. Todavia, esta construção ocorre a partir da relação entre sujeitos, estando estes aptos a transformarem um “mundo a significar” em um “mundo significado”. Assim, a construção de sentido se constitui a partir da relação não simétrica e intersubjetiva entre as instâncias comunicativas envolvidas, já que a língua por si só, neste caso, não é suficiente para produzir significados.

Para Benveniste, citado no Dicionário de Análise do Discurso (2016):

A subjetividade nada mais é que a “capacidade do locutor de se posicionar como ‘sujeito’”, e é na linguagem que devemos procurar os fundamentos dessa aptidão, “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. Ele assim o faz, apropriando-se de certas formas que a língua lhe

---

disponibiliza, primeiramente com o pronome eu, cujo uso é o próprio fundamento da consciência de si. Benveniste acrescenta que “a consciência de si é possível somente quando ela se testa por contraste. Somente emprego eu quando me dirijo a alguém, que será, na minha alocação, um tu”: não existe subjetividade sem intersubjetividade. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p.456)

Neste sentido, Charaudeau (2007) diz que o primeiro processo, o de *transformação*, terá como cerne um sujeito falante que partindo de um “mundo a significar”, transforma-o em “mundo significado”. Já o segundo, o de *transação*, temos um sujeito falante que faz deste “mundo significado” um objeto de troca com outro sujeito, neste caso, o destinatário idealizado para este objeto. Conforme o esquema abaixo, nota-se que o processo de transação comanda o de transformação. A transação se dá através da relação entre os sujeitos, ou seja, sem eles não há o processo de significação do mundo (a transformação).



CHARAUDEAU, 2007, p.17

Assim, o processo de significação do texto é efetivado através da interação entre os sujeitos da linguagem, de modo que o destinatário previsto faça supostamente as suas interpretações ao ler nas entrelinhas, complementando ou questionando as ideias postuladas pelo locutor. Posto isso, Charaudeau desconsidera o processo de interpretação do texto através de um sistema binário em que a relação entre os sujeitos se dá apenas através de um mero emissor que codifica a mensagem e um receptor que a decodifica.

De fato, o texto materializa-se pela mensagem em si, todavia o processo de interpretação não se dá através de uma troca mecânica de informações. Ao contrário disso, há todo um processo de construção que envolve não apenas um emissor e receptor unilateralmente, mas sim sujeitos languageiros que atuam dentro de uma situação comunicativa, de um dado contexto que determina o sentido do texto.

---

Os sujeitos languageiros ou sujeitos de linguagem são os atores e/ou personagens do discurso envolvidos na “mise-en-scène” (encenação discursiva), não sendo necessariamente sujeitos reais, porém podem ser personagens projetadas para representar o “eu” que fala e o “tu” com quem se fala e concebe o texto.

Tratando-se de uma encenação discursiva, são previstos para a grande cena outros sujeitos da comunicação propostos por Charaudeau (2008). Ele prevê a existência de dois “eus” e dois “tus”. Como já fora dito acima, os sujeitos que compõem a “mise-en-scène” podem ser reais ou representações, ou seja, vozes projetadas que podem não ter uma relação necessária com uma pessoa física. Dessa forma, temos: o Eu-comunicante, o Eu-enunciador, o Tu-destinatário e o Tu-interpretante.

O Eu-comunicante vai ao encontro de um Eu-interpretante para o ato de comunicação, sendo estes sujeitos reais, com uma identidade social e psicológica. Já o Eu-enunciador e o Tu-destinatário são entidades do discurso, porém, projetadas pelo Eu-comunicante. O Tu-destinatário é a imagem criada do Tu-interpretante pelo Eu-comunicante, ou seja, são possibilidades de quem seja o interpretante do texto. Quando o Eu-comunicante deseja criar a imagem de si mesmo, temos então a criação de um Eu-enunciador (in) consciente, o que vai propor dentro do contrato de comunicação a compra ou não pelo Tu-interpretante desta imagem, concretizando assim uma comunicação satisfatória ou com ranhuras.

Todo este arranjo que compõe o ato de comunicação está previsto no *contrato de comunicação* que estabelece restrições e liberdades na nossa atividade linguística. Todo discurso é produzido em torno de um objetivo, logo, sua produção deverá obedecer a uma série de requisitos que visam justamente ao alcance do resultado desejado.

Por *contrato de comunicação*, Charaudeau entende que:

O ritual sociolinguageiro do qual depende o Implícito codificado e o definimos dizendo que é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e interpretação (Circunstâncias de Discurso) do ato de linguagem. O Contrato de comunicação fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem. (CHARAUDEAU, 2008, p.60)

O contrato de comunicação estabelecerá uma *margem de manobra* entre os interlocutores do discurso que prevê aberturas, fechamentos e rompimentos entre eles durante

---

o ato de comunicação. O texto tende ao alcance de um objetivo a ser cumprido; para isso, cria-se um projeto de comunicação (objetivo visador) e lança-se mão de estratégias discursivas (acordos) que auxiliarão no cumprimento de sua (s) finalidade (s). O quadro das restrições e liberdades compõe o espaço das estratégias discursivas, uma vez que serão os acordos tanto de comportamento linguístico quanto de sistema da língua que determinarão o que pode ou não ser dito ou escrito e como fazer.

Após essa síntese sobre a Teoria Semiolinguística do Discurso, nos dedicaremos na próxima seção a fazermos a análise do corpus. Assim, vejamos.

### ANÁLISE DO *CORPUS*

A crônica em tela foi publicada no Jornal O Globo *online* do dia 05 de Julho de 2016. De cunho político, versa sobre o processo de *impeachment* sofrido pela ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e traz para o cerne da discussão o fato de ela e seus aliados acusarem a ilegalidade do processo, sob a pena de estarem sofrendo um *golpe político*.

Sob o modo de organização argumentativo, estrutura-se do seguinte modo: **proposta, tese, argumentos e conclusão**, que serão apresentados mais adiante sob a forma de tabela. A partir dessa estrutura, nos basearemos em três marcas microestruturais da argumentação que apontam para a recorrência da ironia do ethos, sendo elas: **a referenciação, o uso do recurso tipográfico das aspas e sintagmas nominais**.

Abaixo segue a análise da crônica e a mesma encontra-se na íntegra nos anexos deste artigo.

Tendo como base *o modo de organização argumentativo*, a tabela abaixo nos dará o direcionamento necessário para que possamos compreender a maneira pela qual a crônica se estrutura. Vejamos:

MACROESTRUTURA	CRÔNICA
<b>PROPOSTA</b>	Apontar os verdadeiros culpados pelo processo de <i>impeachment</i> da ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff.
<b>TESE</b>	Apresentada no subtítulo da crônica “ <i>o verdadeiro golpista foi o PT, esse partido que nos desmanchou!</i> ”. A tese é constituída

	em torno da afirmação de que o próprio PT (Partido dos Trabalhadores) é o culpado pelo processo de impedimento da ex-presidente exercer o seu cargo político.
<b>ARGUMENTOS</b>	No decorrer da crônica, são apresentadas como argumentos algumas ações desenvolvidas pelos petistas que demarcam a ideia de rompimento com os compromissos político-econômicos do país. Assim, o rompimento com esses compromissos e que gerou uma grande confusão no sistema econômico do país coloca os envolvidos citados pelo enunciador em posição de réus.
<b>CONCLUSÃO</b>	O enunciador encerra o texto conciliando os argumentos apresentados no decorrer da crônica com a tese estampada no subtítulo. Assim, a conclusão ratifica a tese e os argumentos, haja vista que o enunciador, na própria conclusão, continua utilizando como reforço argumentativo as ações desenvolvidas pelo PT que podem colocá-los numa posição desfavorável.

**Tabela 1- Descrição da organização argumentativa da crônica**

Do ponto de vista microestrutural, em busca de investigar o potencial *ethos* irônico de Jabor, consideramos, a partir desse momento, em consonância com a extensão deste trabalho, os seguintes fragmentos em correspondência aos parâmetros de análise selecionados:

<b>FRAGMENTOS</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>TRECHO</b>
1- Golpe	Repetição.	“O golpe, o golpe, o golpe. O verdadeiro golpista foi o PT, esse partido que nos desmanchou!”.
2- Fidelidade <b>canina</b> é <b>emocionante.</b>	Sintagma nominal.	“Ele parece estar lutando pela própria vida. Sua fidelidade canina é

		emocionante. Que será que ele quer? Algum sonho de poder ou é só amor?”.
3- <b>“Barbie”</b> de esquerda	Recurso tipográfico das aspas.	“É espantoso ver o ardor com que a “barbie” de esquerda Gleisi Hoffman e o Lindbergh Farias, bem conhecido em Nova Iguaçu, defendem Dilma.”.

Tabela 2- Exposição das recorrências irônicas na crônica

Partamos então para a análise dos fragmentos elencados acima:

No trecho **1**, temos o título da crônica em tela **“O golpe, o golpe, o golpe”** e, abaixo do título, o subtítulo **“O verdadeiro golpista foi o PT, esse partido que nos desmanchou”**. Logo de início, no título, o enunciador utiliza a estratégia da repetição de palavras que adianta qual o assunto a ser tratado na crônica. Todavia, essa estratégia funciona como um ato subversivo das ideias que se perpetuavam na época, por grande parte da população, e da influência das mídias, de que a ex-presidente estava sofrendo um golpe político. Pelo título, podemos inferir que se trata de um jogo de vozes que ecoa o sentimento de parte da população brasileira, do PT contra as acusações sofridas pela oposição ou da oposição contra Dilma, conforme nos ratifica o subtítulo.

Ingedore Koch (2010) utiliza o termo “sequenciação com recorrências” ao se referir à reiteração de formas linguísticas que contribuem para a progressão textual. Entre as recorrências apresentadas por ela, podemos destacar o caso da “recorrência de termos”, que consiste na reiteração de um mesmo item lexical, como podemos ver no título da crônica “O golpe, o golpe, o golpe”.

Segundo Koch, no caso da repetição de termos, não existe uma identidade total entre os elementos recorrentes (itens lexicais), ou seja, a reiteração de palavras traz o acréscimo de novos sentidos que surgem da relação entre elas. No exemplo citado, a palavra “golpe” perde o seu sentido único a partir do momento em que é repetida, o que acaba por gerar um efeito polifônico pelo qual são deflagradas diferentes vozes que dão um novo sentido aos termos em recorrência.

Assim, esse jogo de vozes vai ao encontro da teoria sobre polifonia defendida por Ducrot (1984). Para ele, o locutor é capaz de pôr em cena discursiva outras vozes, as dos enunciadores, podendo não ter relação direta com um sujeito real. É como podemos observar no trecho em análise, Jabor (sujeito real) projeta para o título da crônica “O golpe, o golpe, o golpe” outras vozes que podem não ter relação direta com a dele. Desta repetição sintagmática, extraímos, como apresentado acima, três vozes que se diferenciam, identificadas na tabela abaixo como a voz dos enunciadores. Vejamos:

ENUNCIADOR	REPRESENTAÇÃO
Eu <sub>1</sub> . Parte da população brasileira.	Voz do povo que considera o processo de <i>impeachment</i> um golpe.
Eu <sub>2</sub> . Partido dos Trabalhadores (PT)	Voz do partido político que considera estar sofrendo um golpe.
Eu <sub>3</sub> - Oposição ao governo de esquerda	Voz da oposição que considera estar sofrendo um golpe oriundo do PT.

**Tabela 3- Representação das vozes no discurso**

Apesar da repetição do termo “O golpe” sugerir o conjunto de vozes oriundas do PT, tendo em vista a ideia que circulava na época de que este partido estava sofrendo tal procedimento, no título, este termo assume outro significado, configurando um caráter irônico. Isto é, apropria-se de um “argumento” próprio da esquerda; impondo-lhe novo sentido e, assim, ressignificando-o.

Uma vez que a ironia tem por função criar efeitos contrários ao sentido “real” da palavra em uso, neste caso, dizer: “O golpe, o golpe, o golpe”, equivale a “Não foi golpe, não foi golpe, não foi golpe”. Portanto, afirma-se o teor irônico presente no título.

Em seguida, no trecho 2, mais especificamente no segundo e terceiro parágrafos, o enunciador cita alguns nomes interessados na defesa de Dilma, porém, suscita, de maneira implícita, um possível interesse desses aliados na defesa dela, como se os mesmos quisessem se proteger da situação ou lucrar com ela. Para isso, ele se vale do uso dos sintagmas como, por exemplo, *fidelidade canina*, tornando-se irônico, pois suscita a ideia de que, quando o referido José Eduardo Cardozo defende com veemência a ex-presidente, está fazendo também a sua autodefesa por, provavelmente, ter medo de ser denunciado por alguma ação irregular cometida por ele.

---

Então, ao dizer “sua fidelidade canina é *emocionante*”, a ironia se constitui justamente pelo fato de não haver nada de emocionante, mas sim, de ridículo, uma vez que o uso do sintagma adjetivo “canina” é constitutivo dessa ideia.

Já no trecho 3, o enunciador, ao se referir à ex-ministra-chefe da Casa Civil do Brasil, Gleisi Hoffmann, utiliza entre aspas o sintagma nominal “*barbie*”, mas que, para o contexto em que está inserido, funciona como um potencial (des) qualificador. Relacionando este qualificador ao cargo político ocupado pela pessoa referida no discurso, principalmente no que diz respeito ao aspecto físico dela (loira, olhos verdes, alta e magra), podemos inferir que o enunciador vale-se desta estratégia para provocar um efeito irônico que leve ao descrédito à pessoa que é Gleisi Hoffmann. Assim, dizer que ela é uma “*barbie*” é uma maneira de afirmar que ela é uma boneca de luxo, apenas, não tendo competência suficiente para ocupar o cargo eminente em que atua e agir em defesa da ex-presidente Dilma.

Assim, seguindo a concepção de Maingueneau (2002), a colocação de aspas é um sinal a ser interpretado, pois, geralmente, o enunciador a utiliza como forma de chamar a atenção do Tu-destinatário e atribui a ele a tarefa de compreender o seu significado no contexto em que está inserida. O uso das aspas é uma forma de o enunciador deixar uma lacuna aberta em seu próprio discurso, cabendo ao Tu-destinatário fazer o preenchimento do vazio interpretativo. Assim, o seu uso pode assumir várias interpretações, tudo dependerá do contexto no qual está inserido.

Maingueneau (2002) diz:

Ao colocar palavras entre aspas, o enunciador, na verdade, apenas chama atenção do co-enunciador para o fato de estar empregando exatamente as palavras que está aspeando; salientando-as, delega ao enunciador a tarefa de compreender o motivo pelo qual ele está chamando assim a sua atenção e abrindo uma brecha em seu próprio discurso. As aspas indicam “uma espécie de *lacuna*, de vazio a ser preenchido interpretativamente”. (MAINGUENEAU, 2002, p. 161)

Poderíamos esgotar a crônica em sua totalidade nas análises propostas neste trabalho, porém, acreditamos que o recorte que fora feito tenha sido suficiente para apresentar uma prévia do que pretendemos pesquisar, em maior extensão, na dissertação que está sendo desenvolvida. Dessa forma, nos encaminharemos para os resultados parciais e neles

---

apresentaremos a que conclusão chegamos a respeito da análise preliminar da crônica selecionada quanto ao *ethos* do enunciador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o enunciador da crônica analisada tece, em seu discurso político, críticas fervorosas ao governo petista, no intuito de constatar que o único golpe político ocorrido na época, no ano de 2016, foi dado por ele, pelo governo. Assim, na tessitura de seu texto, apresenta um eco de diferentes vozes que protestam a favor ou contra a atuação do Partido dos Trabalhadores, sobretudo no que se refere ao governo do ex-presidente Lula e da presidenta *impeachmada*, Dilma Rousseff.

Em meio às críticas feitas ao PT, o que nos parece interessante investigar é a maneira pela qual o enunciador constrói uma imagem de si através do fio do discurso. É justamente a partir do *ethos* constituído que podemos confirmar a posição dele em relação ao mesmo tema político posto em pauta. Contudo, neste trabalho, não nos ocupamos em analisar a posição político-partidária do sujeito comunicante, mas como este se comporta **ironicamente** através do plano da linguagem em relação ao tema discorrido.

Dedicamo-nos primordialmente à investigação das marcas linguístico-discursivas que configuram uma identidade supostamente **irônica** do enunciador, a saber: uso do mecanismo coesivo da repetição, do recurso tipográfico das aspas e de sintagmas nominais.

A repetição de palavras, no contexto da crônica, é utilizada, a todo o momento, como instrumento linguístico que retoma a tese, tornando-a quase que irrefutável. A partir da repetição, ocorre o efeito polifônico pelo qual são deflagradas diferentes vozes que dão um novo sentido aos termos em recorrência.

O efeito irônico ocorre devido ao novo sentido que é dado à palavra em repetição. Isto é, no contexto analisado, a repetição de palavras é usada para por em questionamento a tese defendida pelos esquerdistas, ou seja, a ironia acontece a partir do momento em que o enunciador, intencionalmente, repete a mesma palavra “golpe”, porém não com o intuito de apoiar o Partido dos Trabalhadores, mas sim colocá-lo em posição de culpado em relação a todas as acusações recebidas da oposição.

---

Já o uso das aspas, seguindo a concepção de Maingueneau (2002), é uma forma de o enunciador deixar uma lacuna aberta em seu próprio discurso, cabendo ao Tu-destinatário fazer o preenchimento do vazio interpretativo. Dessa forma, observamos que todos os termos que são utilizados com o recurso das aspas, na crônica em tela, possuem efeito contrário ao seu sentido original. Ou seja, preenchemos o vazio interpretativo relacionado ao contexto da temática como um efeito irônico. O enunciador, ao usar termos como “presidenta”, não tem a intenção de reconhecer o potencial da ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, mas desqualificá-la diante do cargo. Então, o efeito irônico surge na subversão do sentido original da palavra.

Na crônica, observamos a existência de sintagmas funcionando como potencial qualificador, porém as aspas, quando incorporadas ao sintagma, exercem a função de subverter o sentido original do termo. Neste caso, o efeito irônico surge a partir da inversão do valor da palavra. Além disso, temos o uso de sintagmas sem aspas que, por si só, criam efeitos de ironia, devido à subversão do sentido da palavra relacionada ao contexto em que está sendo inserida.

Posto isso, a análise piloto do *corpus* desta pesquisa em andamento contribuiu para que pudéssemos observar os dados linguísticos que materializam o discurso e as escolhas linguísticas do enunciador que compõem o seu projeto de dizer. Então, chegamos à conclusão de que, no texto analisado, devido à organização argumentativa do discurso, à recorrência dos dados linguísticos (os que foram elencados para análise) utilizados e os efeitos de sentido – sempre com o mesmo teor crítico – produzidos por eles (pelos dados), **o enunciador constrói pelo discurso um *ethos* de caráter irônico, confirmando, então, a nossa hipótese inicial.**

## REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp. 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, pp. 7-31.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

---

\_\_\_\_\_. *Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional*. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326.

\_\_\_\_\_. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCK, Ingedore Villaça. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. – 3.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

MACHADO, Ida Lúcia. *A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa*. In: Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso vol.9 no.1 São Paulo Jan./July 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio da Rocha. – São Paulo: Cortez: 2002.

WEBGRAFIA:

**Crônica “O golpe, o golpe, o golpe”:**

<<http://oglobo.globo.com/cultura/o-golpe-golpe-golpe-19644066#ixzz4NCEXpHjq>>.

Acessado em 05 de julho de 2016.

ANEXO

**Texto**

## **O golpe, o golpe, o golpe**

**Arnaldo Jabor**

### **O verdadeiro golpista foi o PT, esse partido que nos desmanchou!**

Dilma e o PT continuam a bradar que está em curso um golpe contra eles. Vão berrar isso na Olimpíada, vão continuar até 2018, quando esperam eleger o Lula. Mas creio que esse demagogo narcisista encontrará seu destino antes disso.

É espantoso ver o ardor com que a “barbie” de esquerda Gleisi Hoffmann e o Lindbergh Farias, bem conhecido em Nova Iguaçu, defendem Dilma. Por que será? Para mostrar força, já que ambos são investigados na Lava-Jato? E o José Eduardo Cardozo? Ele

---

parece estar lutando pela própria vida. Sua fidelidade canina é emocionante. Que será que ele quer? Algum sonho de poder ou é só amor?

Todos se aferram à technicalidade das chamadas “pedaladas fiscais”, questionando-as, periciando-as, como se esse detalhe fosse a única razão para o impedimento.

Sem dúvida, foram o irrefutável crime contábil de seu governo. Mas, não só as malandragens da administração são crimes; também foram espantosos os desastres econômicos e políticos que essas práticas provocaram. Foi golpe sim quando deram as pedaladas, desrespeitando a Lei de Responsabilidade Fiscal, para fingir que as contas estavam sob controle. Mais do que aumentar o endividamento, o governo recorreu a manobras para fechar as contas públicas. A chamada contabilidade criativa incluiu, por exemplo, repasses do Tesouro ao BNDES, que não aparecem como aumento de dívida.

O verdadeiro golpista foi o PT, esse partido que nos desmanchou. O golpe começou desde o governo Lula, que abriu para o PT e aliados as portas para o presidencialismo de corrupção.

Suas ações foram tão incoerentes, tão irracionais, que explicações políticas ou econômicas não bastam. Para entender a cabeça desses elementos, temos de recorrer à psiquiatria. O diagnóstico é um sarapatel feito de estupidez ideológica, falso amor ao povo, bolivarianismo, oportunismo e a deliciosa descoberta da facilidade de roubar num país tão permissivo com os ladrões.

Foram muitos os golpes que Dilma e sua turma cometeram.

Foi golpe quando mentiram espetacularmente na campanha eleitoral dizendo que o país estava bem, quando desde 2014 já rondava a falência. A presidente assumiu o segundo mandato já sabendo que dificilmente poderia cumprir as promessas de campanha.

Foi golpe quando, em decorrência da transgressão da Lei de Responsabilidade Fiscal, os gastos públicos disfarçados provocaram o desemprego de mais de 12 milhões de trabalhadores, com a inflação subindo para mais de 10%. O endividamento do setor público disparou no governo Dilma. Em 2014, o setor público gastou R\$ 32,5 bilhões a mais do que arrecadou com tributos — o equivalente a 0,63% do Produto Interno Bruto (PIB), o primeiro déficit desde 2002. A dívida pública líquida subiu pela primeira vez desde 2009, de 33,6% do PIB em 2013, para 70% agora. Sua herança maldita faz a dívida pública crescer quase dois bilhões por dia.

Foi um golpe quando permitiram que nosso rombo fiscal chegasse a R\$ 170 bilhões.

Foi um golpe sim quando Dilma comprou a refinaria de Pasadena por 1 bilhão e meio de dólares, 300 vezes o preço original de 43 milhões. É assustador ouvir de Dilma que ela não sabia de nada (nunca sabem nada) e que o caolhinho Cerveró a teria enrolado.

Isso já poderia ser motivo para impedimento: ou ela fez vista grossa para as roubalheiras da Petrobras (“oh... malfeitos toleráveis para a ‘revolução’ petista...”) ou por incompetência e negligência criminosa mesmo, ao não examinar direito, como “presidenta” do Conselho de Administração, a caríssima compra de uma refinaria lata velha. Só isso, já era

---

motivo. Aliás, o Cerveró reagiu às explicações de Dilma: “Ela sabia de tudo... ela mentiu e me sacaneou”. A chanchada está cada vez mais vulgar.

Foi imenso o crime da destruição de nosso maior orgulho, a Petrobras, que virou um ferro velho endividado, vendendo ativos. Foi golpe.

E vêm aí mais coisas horrendas na Eletrobrás do Lobão, nos fundos de pensão, nas empresas públicas. São golpes de morte.

Foi um golpe o aparelhamento do Estado pelos petistas. Foi golpe nomear mais de 50 mil elementos para lotear o governo.

Os gargalos na infraestrutura brasileira foram ignorados, e encareceram os custos da indústria. Foi golpe o atraso em obras de infraestrutura do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e também a demora nas licitações de ferrovias, rodovias e portos. Foi golpe também financiar portos e pontes na Venezuela e em Cuba.

Foi golpe o termo de posse que Dilma enviou para Lula em segredo, para livrá-lo da Justiça comum.

Só em 2014, Dilma gastou mais de 2 bilhões e meio em propaganda. Em 2015, dois bilhões e trezentos. Total: seis bilhões de reais para engambelar a opinião pública em dois anos. E mais: desde o início do governo do PT foram gastos mais de 16 bilhões de reais em publicidade. Não é um golpe?

E o pior golpe é o inconcebível desrespeito às instituições do país. Dilma acusa o Supremo Tribunal, a Procuradoria Geral, o Congresso, milhões de pessoas nas ruas, de tramarem o golpe contra ela.

E mais ainda:

É um golpe feio a arrogante “presidenta” pedir sanções contra o Brasil a países vagabundos da Unasul bolivariana... A presidenta do Brasil fala mal do Brasil no mundo todo. Pode?